

O estilo telegráfico na escrita de sujeitos com Síndrome de Down

Maristela Amaral Ribeiro
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: stelamarisemec@gmail.com

Carla Salati Almeida Ghirello-Pires
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: carlaghipires@hotmail.com

821

Palavras-chave: Estilo telegráfico. Linguagem. Síndrome de Down

INTRODUÇÃO

O presente estudo¹ tem como objetivo analisar e compreender algumas especificidades da linguagem de JR², 20 anos, e de RL, 15 anos ambos atendidos no Laboratório de Pesquisa e Estudo em Neurolinguística (LAPEN), como, por exemplo, o uso do estilo telegráfico na escrita desses sujeitos com SD (síndrome de Down), visando caracterizar os elementos ausentes nessa produção, a fim de propor possíveis intervenções com foco na omissão desses elementos para minimizar e/ou auxiliá-los a superar as dificuldades linguísticas detectadas ao longo do acompanhamento longitudinal nesse processo. Tomamos como aporte a Neurolinguística Discursiva (Coudry, 1986) e a Teoria Histórico-Cultural (Vygostky, 1997).

Como o objeto de estudo desta pesquisa consistiu em um fenômeno morfossintático – “estilo telegráfico” (Jakobson, 1970) foi necessário a análise das produções de RL e JR, como também : (i) diferenças formais e funcionais entre textos orais e escritos (Kato, 2003), o que nos permitiu perceber que os sujeitos do estudo apresentavam uma escrita telegráfica, mas não uma fala telegráfica; (ii) a própria noção de estilo telegráfico (Jakobson, 1970), referindo-se à utilização de processos alternativos

¹ Os dados aqui analisados são um recorte de uma dissertação de mestrado intitulada “O Estilo Telegráfico na Escrita de Sujeitos com Síndrome de Down” (Ribeiro, 2020).

² SILVA, N. M. **A conquista da autonomia de JR por meio de suas apropriações linguísticas.** Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2016.

Realização:



Apoio:



de significação em crianças com Síndrome de Down; (iii) as noções de classe aberta e classe fechada (Camara JR., 1970-2008), na primeira, encontram-se substantivos, adjetivos, verbos e advérbios, enquanto a última é constituída por pronomes, preposições, conjunções. Essas noções nos levaram à compreensão de que a dificuldade apresentada pelos sujeitos JR e RL reside na aquisição dos elementos funcionais/gramaticais, isto é, pertencentes à classe fechada; (iv) a distinção entre preposições lexicais e preposições funcionais (Miotto; Figueiredo Silva; Lopes, 2004; Brito, 2003).

METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa longitudinal com abordagem discursiva. A pesquisa foi devidamente submetida ao comitê de Ética, CAAE: 29933114.7.0000.0055, estando comprometida com a Resolução 466/2012. A participação dos informantes também foi devidamente autorizada por seus responsáveis – JR, um jovem de 20 anos, e RL uma adolescente de 15 anos. Os atendimentos aos sujeitos aconteciam em uma sessão por semana, com duração de 60 minutos.

Para caracterizar e estimular a produção oral e escrita, utilizamos diversos materiais como: fábulas, livros da coleção Ciranda cultural, textos e músicas; também, para cada história e/ou fábulas. O texto passou a ser dividido em frases e palavras (texto fatiado) e plastificado, assim também foram confeccionadas fichas de leitura e outras atividades, tais como, frases e palavras recortadas e plastificadas para a produção textual e oral dos sujeitos.

A atividade proposta aos sujeitos JR e RL, era para que eles organizassem as palavras recortadas e montassem frases, utilizando todos os “elementos constitutivos da frase” disponibilizados pela Investigadora. De início, conversamos a respeito da atividade, sobre as possibilidades de construção de frases, utilizando as palavras seccionadas após a explicação da pesquisadora de como eles iriam formar as frases, foram dadas as palavras e, sem mediação, eles construíram as frases, que serão dispostas a seguir.

Realização:



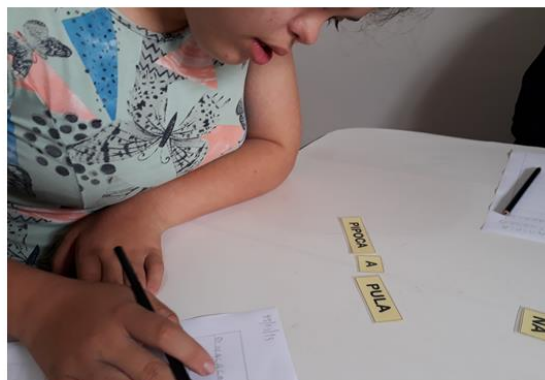
Apoio:



Figura 1 e 2 – Organização da sentença por JR e RL - 02/05/2019



Frase construída por JV:
ÔNIBUS. DE CAIO VIAJOU



Frase construída por RL:
PIPOCA A PULA

823

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apresentamos um recorte dos dados analisados referente à atividade proposta aos sujeitos JR e RL. Em um primeiro momento, demos os “elementos” que formavam a frase: Caio viajou de ônibus. Aqui caio = sujeito / viajou = verbo / de ônibus = adjunto de meio; A pipoca pula. A = artigo/ pipoca = sujeito / pula = verbo. Não falamos qual seriam as frases, mas solicitamos que eles lessem cada palavra e nos dissessem de que forma poderíamos montá-las. RL então começou a fazer algumas tentativas, a pesquisadora interveio, perguntou se estava certo, se falássemos do jeito que ela havia montado, se ela entenderia se alguém falasse para ela “pipoca pula a”. RL fitava-me de forma que eu percebia que aquelas palavras não faziam sentido para ela, pois o substantivo = pipoca o sujeito já conhecia, inclusive já havia degustado em um dos nossos atendimentos, o verbo = pula também, indica movimento e ela pula corda, mas o A ela não sabia onde colocar, não fazia sentido, mesmo assim, diante de tantas perguntas feitas pela Investigadora RL construiu a frase: PIPOCA A PULA.

Após a ordenação feita por JR: ÔNIBUS DE CAIO VIAJOU. Fizemos alguns questionamentos: Está certo? É assim que falamos? Precisa mudar de posição alguma palavrinha? Ele manteve a resposta: Sim! Salientamos que há a necessidade de

Realização:



Apoio:



reformulação, falamos a frase para que ele perceba todos os elementos, e que a ausência de um ou a troca de outros pode comprometer o sentido do que se quer dizer. JR reordenou a frase, fez o registro em papel posteriormente. Abaurre e Coudry (2008) enfatizam que essas produções espontâneas produzidas pelas crianças em fase de aquisição podem ser chamadas de “estilo telegráfico”, que a omissão de relatores, determinantes e por algumas vezes até verbo, não pode ser interpretado como uma patologia, pois são operações absolutamente normais do ponto de vista do sujeito. As autoras deixam claro que o estilo telegráfico deve ser visto como intermediário para quem está adquirindo a linguagem, nesse caso, os sujeitos com SD.

CONCLUSÕES

Os dados apresentados nesta pesquisa levam à compreensão de que, se olharmos para além da síndrome, observamos que os sujeitos RL e JR estão em processo de construção da escrita. Corroboramos com as autoras Abaurre e Coudry (2008) ao considerarem que a interpretação da fala/escrita “telegráfica” como um processo intermediário indica uma organização interna de relações e combinações ao mesmo tempo em que mostra que os sujeitos estão fazendo seleções adequadas e produtivas em seu processo, ou seja, não selecionam qualquer palavra para colocá-las em qualquer lugar. Tomar essas situações como produtivas e necessárias é mais interessante do que tomá-las como patológicas. Foi observado também que, apesar da idade, nossos sujeitos passam pelos mesmos processos que qualquer outra criança ou jovem passa no processo de evolução da escrita.

A intervenção do outro, do mediador, foi crucial nesse sentido, a utilização de pistas, as perguntas fazendo com que a criança refletisse sobre o conhecimento, ou seja, cada atividade realizada contribuiu para sedimentar as bases para que eles internalizassem os signos linguísticos, favorecendo o funcionamento de suas funções mentais superiores, como propõe Vigotski. Portanto, o que JR e RL realizaram por meio da mediação do outro, certamente farão sozinhos amanhã.

Realização:



Apoio:



A discussão apresentada neste trabalho pode contribuir significativamente para o processo de aquisição da linguagem de crianças com síndrome de Down e casos semelhantes ao de JR e RL. Por fim, pode-se afirmar que a hipótese desta pesquisa foi confirmada, mediante a apresentação e discussão dos dados.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, M. B.; COUDRY, M. I. H. Em torno de sujeitos e olhares. Estudos da Língua(gem), Vitória da Conquista, v. 6, n.2, p. 171-191, 2008. DOI: <https://doi.org/10.22481/el.v6i2.1071> .

BRITO, A. M. Categorias Sintáticas. In: MATEUS, M. H. M. et. al. Gramática da Língua Portuguesa. 63 ed. ed. rev. e aum. Lisboa: Caminho, 2003. p. 323-436.

CÂMARA Jr., J. M. Problemas de Linguística Descritiva. 29 ed. Petrópolis: Vozes, 1970-2008.

JAKOBSON, R. Linguística e Comunicação. Tradução de I. Blikstein e J. Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1969/1970.

JAKOBSON, R. Linguística e Comunicação. Tradução de I. Blikstein e J. Paulo Paes. 22ª edição. São Paulo: Cultrix, 2010.

CORREA, L. M. S.; AUGUSTO, M. R. A. Aquisição da Linguagem e Problemas do Desenvolvimento Linguístico. Editora da PUC-RIO/ Edições Loyolas, p. 21-78, 2006.

COUDRY, M. I. H. A ação Reguladora da interlocução e de operações epilinguísticas sobre objetos linguísticos. Cadernos de Estudos Linguísticos 15. Campinas, p. 117-135, 1986.

KATO, M. A. No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003.

MIOTO, C.; FIGUEIREDO. SILVA, M. C.; LOPES, R. E. V. Novo Manual de Sintaxe. Florianópolis: Insular. 2004.

VIGOTSKI, L. S. Fundamentos de defectologia. Madrid: Visor, 1997.

Realização:



Apoio:

